

“ROUPA BOA, SANTO BOM”: LUXO, MUDANÇAS E TROCAS SIMBÓLICAS

Fladney Francisco da Silva Freire¹

Antonio Evaldo Almeida Barros²

RESUMO: As noites de festejos são muito importantes para os grupos religiosos praticantes do Terecô em Bacabal-MA. Nesses espaços, são comuns cantos e louvações nos dias dos santos e orixás, bem como confecção de roupas para reverenciar as divindades frequentes nos centros do interior do Maranhão, os caboclos, léguas, princesas, exus, entre outras. O presente trabalho, que se ocupa com o terreiro do Pai de Santo Francisco José e Angela Maria ou Angela de Oxum, no município de Bacabal, objetiva através da observação participante e da etnografia, focar o processo de escolha, feitura das roupas e o seu momento de ritual exclusivo para o dia de uso da vestimenta nova, além de perceber o trânsito econômico contido na aquisição do bem material e seus intercâmbios entre outros terreiros durante os dias de festas. São dias e meses de investimentos e preparações. Para os sujeitos do terreiro de São Raimundo o dia da *fardagem nova* é importante para o ciclo anual da vida no santo. O dia do traje novo para o santo conta também com a curiosidade dos diversos outros terreiros que participam da grande festa. Muitas casas de Santo tem modificado sua lógica através da vestimenta. A festa é o momento de confraternização, restabelecimento do fluxo entre as casas e fortalecimento de vínculos. O Terecô de Bacabal é visto como uma festa de luxo, momento de reverenciar os orixás pelos benefícios diários. A veste tem possibilitado entender os processos e dinâmicas da casa e seus fluxos ligados ao sagrado.

1202

Palavras-Chave: Festa, Roupas, Terecô, Orixás e Terreiros.

1 Introdução

As noites de festejos são muito importantes para os grupos religiosos praticantes do Terecô. Nessas ocasiões, são frequentes cantos e louvações nos dias dos santos e orixás, bem como confecção de roupas para reverenciar as divindades frequentes nos centros do interior do Maranhão, os caboclos, léguas, princesas, exus, entre outras.

Neste trabalho, considera-se um terreiro situado na rua e bairro da Esperança, região central da cidade, com 22 anos de funcionamento, chefiado pelo Pai de Santo Francisco de Folha Seca e Angela de Oxum. A tenda contém 32 brincantes oriundos do município de Bacabal e de outros locais, como São Luís Gonzaga do Maranhão e algumas cidades do estado do Pará. O terreiro tem seis festejos no ano, com santos e entidades distintas. A maior festa

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia. Membro dos Grupos de Pesquisas Neáfrica e GPMINA. Bolsista Pibic-CNPQ. fladney2009@hotmail.com

² Professor Doutor da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do NEÁfrica. aevaldoabarro@gmail.com

inicia-se dia 28 de agosto e vai até o dia 03 de setembro, sendo os últimos cinco dias de batidas e obrigações aos santos destinados especialmente aos convidados e aberta ao público.

O presente trabalho objetiva através da observação participante e da etnografia, enfocar o processo de escolha, feitura das roupas e o seu momento de ritual exclusivo para o dia de uso da vestimenta nova, além de perceber o trânsito econômico contido na aquisição do bem material e seus intercâmbios entre outros terreiros durante os dias de festas. Para os sujeitos do terreiro de São Raimundo o dia da *fardagem nova* é importante para o ciclo anual da vida no santo. Como lembra Mauss(1974), “a troca de bens entre os homens, produz a generosidade dos Deuses para com os homens, e com isso acontece à abundância de riquezas”. O dia do traje novo para o santo, conta também com a curiosidade dos diversos outros terreiros que participam da grande festa. A veste tem possibilitado entender os processos e dinâmicas da casa e seus fluxos ligados ao sagrado.

2 Terecô

O Terecô é uma prática de religiosidade afro-brasileira oriunda do município de Codó-Ma, que acabou se difundindo pelo interior do estado do Maranhão e em outros estados da Federação do Brasil (FERRETTI, M., 2007). Tal prática é conhecida como festa do tambor da mata, brincadeira, brinquedo de Barba, encantaria de Barba Soeiro, verequete ou berequete.

Segundo Mundicarmo Ferretti (2007), apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, a identidade do terecô é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português (FERRETTI, M, 2007, p. 1). As entidades são organizadas em famílias, sendo central a de Légua Bogi Boá da Trindade.

Embora no Terecô sejam cultuados voduns africanos jeje-nagô (como Averequete, Sobô, Ewá), muito conhecido no Tambor de Mina da capital, os transe ocorrem principalmente com “voduns da Mata” ou caboclos comandados pela entidade Légua Bogi Boá da Trindade. Mas fala-se que as entidades espirituais da Mata são chefiadas por Maria Bárbara ou Bárbara Soeira, entidade associada a Santa Bárbara e, às vezes, com ela confundida, que se acredita ter sido a primeira ‘*pajeleira*’ (curadeira), razão porque o Terecô é também conhecido por “Barba Soêra”. É bom lembrar que, não obstante ser o Terecô um culto afro brasileiro, nele as práticas curativas são muito desenvolvidas (FERRETTI, M. 2007d, p. 59; 2007b, p.154).

Durante um longo período diversas explicações foram dadas para a compreensão do termo Terecô. Segundo M. Ferretti (Apud CASTRO, 2002), o termo Terecô seria de origem banto e teria o mesmo significado que Candomblé – louvar, celebrar pelos tambores.

A prática do Terecô vem passando por inúmeras mudanças nos ritos, cânticos e doutrinas, mesclando-se com outras formas religiosas, através de intensos processos de apropriação cultural e resistência social e política.

Como afirma Ahlert (2013) ao longo dos anos a cidade de Codó ganhou notoriedade ao ser considerada a “*capital mundial da feitiçaria*” ou “*capital da magia negra no Brasil*”. [...] A fama da cidade como “*capital da magia negra*” tem sido impulsionada também pela exploração midiática intensa - em grande parte estigmatizadora e preconceituosa - da profusão de tendas de religiões afro-brasileiras e dos atendimentos realizados por pais e mães de santo(p.18).

Vale ressaltar que o Terecô é uma religião de possessão, onde são incorporados, diversos entes espirituais, tendo a família de Légua Bugí Bua da Trindade como referencial da religião, além das entidades das matas, no caso os Caboclos.

1.3 A Terra de Bacabal-Ma

A cidade de Bacabal atualmente comporta uma população de 102.265 habitantes e uma área de 1.683.074 km². Possui um Bioma Cerrado e Amazônia. O produto interno bruto se relaciona sobretudo ao setor de serviço, seguido pela indústria e, por último, a agropecuária (IBGE, 2014).

Segundo Oliveira(2013), o local de surgimento da cidade teria sido a Praça Nossa Senhora da Conceição, conhecida popularmente como Praça Santa Terezinha, onde Coronel Lourenço da Silva se estabeleceu em 1875. Esse local era um grande centro de cultivo de arroz, algodão e mandioca. A mão de obra escrava era a grande responsável pela produção. Com a abolição, a fazenda foi vendida ao Coronel Raimundo Alves de Abreu, que passou estabelecer relações comerciais com escravos libertos e índios.

Com o tempo, o desenvolvimento do comércio e a chegada de moradores, a fazenda passou a ser um povoado; com a migração de nordestinos devido a grande seca, essa região passou a ser uma grade produtora agrícola, o que fez Bacabal no século XX alcançar o primeiro lugar no quesito centro produtor do Estado. O nome do município Bacabal faz menção a enorme quantidade de palmeiras de bacaba. A Lei Estadual nº 932 de 17-04-1920 desmembra Bacabal de São Luís Gonzaga, constituindo aquela região um distrito próprio instalado em sete de setembro de 1920.

4 A Casa de São Raimundo

Os dados da pesquisa têm sido produzidos através da observação participante, da etnografia e da Antropologia da Arte; que questiona definições puramente ocidentais. Essa perceptiva relativiza o conceito de “pessoa”, transformando objetos em pessoa no sentido total:

Dizer que objetos de arte, para que possam figurar numa teoria “antropológica”, têm de ser considerados como “pessoas” pode parecer uma ideia estranha. Mas essa estranheza só ocorre se não levarmos em conta que toda a tendência histórica da antropologia vem em direção a um radical desfamiliarização e relativização do conceito de pessoa (GELL, 2009, p. 254).

Nessa perspectiva, uma preocupação fundamental é observar a produção e circulação dos objetos de arte no contexto relacional. Nesse sentido, a vestimenta para o santo, utilizada no dia de festa na Casa de São Raimundo, serve como fundamental ferramenta. “O objetivo da teoria antropológica da arte antropológica é dar conta da produção e circulação dos objetos de arte como função desse contexto relacional”(Gell,2009,p.258).

Na Umbanda-Terecô, os adeptos elaboram suas produções, escolhem tecidos e cores, definem o sentido da vestimenta e quando irão utilizar tais apetrechos. A roupa tem uma linguagem que é sua, é um instrumento de distinção, concede status a uma casa. Esse sistema relacional deve ser pensado no sentido de Arte.

Não há dúvida, porém, de que esses povos falam sobre a arte, como falam sobre qualquer coisa fora do comum, ou sugestiva, ou emocionante que surja em suas vidas, dizem como deve ser usada, quem é o dono, quando é tocado, quem toca, ou quem faz, que papel desempenha nessa ou naquela atividade, pelo que pode ser trocado, qual o seu nome, como começou, e assim por diante. Na maioria das vezes, porém, essas informações não são consideradas um discurso sobre arte, mas sim sobre algumas outras coisas, vida cotidiana, mitos, comércio, ou coisas semelhantes. (GEERTZ,1997, p. 147).

O campo analisado é marcado também pela memória coletiva: reconhece-se que “todo espaço onde se perpassa a tradição de um grupo, na teia de suas relações sociais se constrói a memória coletiva, transformando os respectivos espaços em locais de memória” (NORA, 1981).

É importante pensar os Terreiros em uma lógica de disputa pelo poder religioso, os discursos da tradição versados nesses espaços têm marcas de uma pertença indenitária. “Os lugares recebem a marca do grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas

as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social [...] as lembranças dos indivíduos são, sempre, construídas a partir de sua relação em pertença a um grupo” (SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 291).

Nessa definição, pensar a cultura é refletir sobre “uma arena conflitiva” Thompson (1998). Burocraticamente, os terreiros se filiaram a Federação Umbandista como forma de organização política no município. Outro ponto que se poderia considerar é o processo de urbanização da prática religiosa que busca romper com a característica ligada ao rural da religião, ao primitivo e a construção negativa que a cidade de Codó construiu sobre a prática.

Hoje, muitos dos que se filiaram a federações de Umbanda estão se apresentando como umbandistas e referindo-se ao Terecô como algo primitivo, inferior à Mina, à Umbanda, ao Candomblé e a outra denominação religiosa afro-brasileira mais conhecida e objeto de menor preconceito. (FERRETTI, M., 2007e, p. 06)

Nesse sentido, como acentua Araújo (2008), tem-se uma prática que se afasta do seu referencial primário para se constituir como moderna e dinâmica:

Ao ser considerado um culto de caráter rural e de certa forma “flexível”, o terecô, para muitos pais-de-santo, está deixando de existir, conforme podemos perceber pela constante no discurso dos adeptos de um tempo pretérito e do presente, em que o terecô deixou de ser o que era antes, como os “troncos velhos” ensinaram [...] Indo mais longe com as considerações de Fortes, pensamos que, foi com a umbanda que o terecô encontrou uma forma de “traduzir-se” numa versão de caráter mais moderna, se coadunando assim à sociedade urbana. No discurso dos terecozeiros da cidade, é afirmado que foi também com a umbanda que o terecô deixou de ser mais perseguido. [...] Conforme mencionado, acreditamos que a simbiose com a umbanda pode ter contribuído para a resistência de alguns elementos do terecô, sem a qual talvez, mais elementos do terecô teria se perdido. Quanto ao candomblé, ainda não podemos falar de uma candombleização do terecô da mesma forma que aconteceu com a umbanda (p.3-4).

Com a filiação à Federação Umbandista e ao Coletivo de Entidades Negras (CEN), as viagens além Maranhão se iniciaram. O primeiro contato com uma casa de Candomblé na Bahia e ao Terreiro de Umbanda em São Luís-Ma ocasionou estranhamento nos adeptos de Bacabal. Elementos como roupas, cânticos, doutrina, toques de tambores e até mesmo as entidades se diferiam. Nesse momento Pai Francisco ficou perplexo e disso não ser Umbandista.

Eu olhei e não acreditei, eu não sei, mas não somos aquilo lá não, em Salvador eles dançavam de outra forma, cantavam de forma estranha e isso não existe aqui, nem meus Léguas não são de lá, como pode ser a mesma religião, acho que o que eu faço não é Umbanda, não sei se Terecô é uma religião, as outras pessoas não sabem, quando teve que se registrar na Federação, falaram que não era mais pra chamar Terecô e sim Umbanda, todo mundo foi mudando isso, e hoje não sabemos se o Terecô é uma religião, o ritmo do tambor ou não é nada, o tempo mudou isso.

É importante repensar historicamente como se deu o processo de filiação à Federação Umbandista: a transição do século XIX para XX foi marcada por diversas mudanças, principalmente no que concerne a organização da Umbanda como uma religião oficial. Com o advento do Estado Novo, o país antes rural passou para um novo momento de urbanização, marcado pela criação de estatutos associativos, e isso acabou caracterizando esse momento como de institucionalização da religião e deslocamento de sua ideologia para as diversas regiões do Brasil.

Antes desse momento de oficialização, os cultos afro eram constantemente reprimidos pelos agentes policiais, que consideravam tal prática como um desvio, que causava danos aos códigos de moralidade da época, eram comuns a prisão de brincantes.

As práticas sociais de grupos negros (Terecô, Tambor de Mina, Bumba meu Boi, Tambor de crioula e etc) a exemplo das festividades e costumes populares foram, portanto controlados com rigor desde os tempos coloniais até fins do império e durante a primeira metade do século XX. Os escravos, índios e mestiços eram cerceados em suas atividades por inúmeras prescrições, membros da irmandade da Casa das Minas relataram casos de perseguições religiosas que sobrevivem na memória do grupo. (FERRETTI, S., 1996,p.04)

1207

Em 1937 um primeiro passo se conectara a um novo momento, a criação da primeira Federação Espírita de Umbanda, que encaminhou para o branqueamento da prática religiosa, que tinha como princípios norteadores institucionalizar as casas e fortalecer seu grupo, criando uma identidade política. A União Espírita do Brasil pretende:

- a)Unificar e superintender as suas tendas ou cabanas filiadas;
- b)Orientar o ritual e a liturgia de todas essas tendas e cabanas,bem como estudar-lhe os fenômenos que dizem respeito às manifestações espirituais.
- c) Proteger e amparar a doutrina de Umbanda, unificando-a em todos os seus aspectos essenciais (UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL, 1994, p. 87)

Esses princípios passaram a guiar a luta de resguardo de tal religião. Diversas associações foram criadas, federações e núcleos de defesa da cultura e religião afro brasileira. Mas foi somente com a constituição de 1988 que vários direitos foram assegurados.

Os chefes de terreiros foram os primeiros a pensar a nova lógica que teve seu ápice na cidade de Bacabal por volta dos anos 1960-1970. Devido às diversas perseguições, os terreiros iniciaram o processo de filiação a Federação Umbandista com sede no Rio de Janeiro. É comum encontrar nos terreiros de Terecô diplomas de federações Umbandistas, bem como a formalização de algumas casas, obtendo assim o CNPJ para fins burocráticos. Muitas foram às influências desse momento. As roupas como forma de padronizar a prática, cores do terreiro, retirado do poste central¹.

5 Casa de São Raimundo e a festa

No dia 22 de agosto de 1993, foi fundado na Rua da Esperança, nº 318 a Tenda Espírita de Umbanda São Raimundo Nonato, região central da cidade. Tem como Pai de Santo chefe seu Francisco José Freire Claudio, conhecido socialmente como pai Francisco de Folha Seca, isso devido a seu guia espiritual Folha Seca. Seu Francisco possui outras entidades como Doutor Nazaré, Eurides de Tombossas e Maria Flor. Atualmente tem 48 anos, é pai de quatro filhos, tendo como ocupação o comércio e a chefia de terreiro.

O calendário de festas é composto pelas seguintes festividades: de 1 a 2 de fevereiro, festa de Nossa Senhora das Candeias em homenagem a Oxum, organizada por Dona Angela, esposa do Seu Francisco Folha Seca; dia 23 de Abril, em Louvação a São Jorge e Ogum Militar; dias 12 e 13 de Maio é realizada a comemoração aos Pretos velhos, no dia de Nossa Senhora de Fatima; Na data de 24 de junho é realizada a louvação a São João Batista em homenagem a Xangô, festa da Filha de Santo Maria Brechó. Esta filha de santo possui uma grande importância para o terreiro, apresentando-se como a terceira pessoa na hierarquia, abaixo do Pai de Santo e Mãe Pequena.

A maior festa da casa ocorre do dia 24 de agosto ao dia 03 de setembro, sendo que do dia 30 de agosto a 03 de setembro é direcionada aos convidados e simpatizantes do terreiro. Durante o período de 24 a 29 são realizadas rezas e obrigações das Filhas de Santo da casa. A última festa do ano ocorre dia 07 e 08 de dezembro, esse momento é organizado especialmente pelos Filhos de Santo, festa intitulada por eles como “Festa das Meias”.

O terreiro é formado pelo pai de santo, no caso, zelador de santo; pela mãe pequena dona Ângela de Oxum que possui entidades como Tereza Légua, Caboclo Oliveira e Vovó Daniel, além do orixá que representa seu nome social. Dona Angela tem menos poderes que o Pai de Santo da casa, porém é detentora de alguns poderes, sendo a palavra final do chefe. Os Filhos de Santo da casa são pessoas humanas que tem determinada função dentro

do terreiro. A casa conta também com entidades, cada uma com sua corrente (Léguas, Caboclos, Pombas Gira, Exus, etc.). O terreiro é composto por serventes e abatazeiros.

A casa comporta 32 filhas de santo, em dias de festa esse número aumenta devido ao intercâmbio entre os salões e aos filhos de santo de outras cidades. Nos dias de festa é como se houvesse uma grande confraternização entre eles, muita alegria, irreverência, banhos, cheiros e muito tambor da mata tocando, para suas rodadas e rodopiadas dentro do salão, é como se fosse um espetáculo de “luxo” uma forma de apreciação.

No festejo de 2013 em homenagem a São Raimundo, ocorreu à incorporação de jogos de luzes e batizados do assentamento dos Pretos Velhos e do poço de Mãe D’agua. Tal poço é utilizado para melhorar o andamento da festa, antes a problemática de falta de água no dia da festa era constante, era comum não ter água para cozinhar, beber e tomar banho, isso ocasionava a ida dos terreiros visitantes para suas casas logo no período da manhã. Muitos consideravam inviável ficar na casa com esse problema. Durante a festa cerca de 500 pessoas circulam nesses espaços e isso se intensifica no dia da roupa nova.

Existe uma mudança significativa dentro da Umbanda em Bacabal, esse segmento está inteiramente interligado ao avanço global tecnológico, é comum o embelezamento de roupas com seda, organza entre outros tecidos. Modificação dos terreiros com a retirada das gunas, centro de força das casas.

Os vínculos com terreiros de outras cidades trouxeram novidades, o discurso recorrente é que hoje tudo está mais prático e deixa as casas mais bonitas, pois os Santos merecem. É comum o uso de som mecânico nas festas, mudança do piso, que antes era no barro e hoje na cerâmica. Traços do Candomblé nas danças e nas obrigações dos terreiros.

A casa de São Raimundo é uma expressão dessa mudança. O Pai Francisco de Folha Seca percebe esse momento de forma positiva:

com tanta coisa sofisticada, tudo muito bonito, porque a Umbanda não é mais aquela Umbanda que era antes que ninguém tinha dinheiro, a gente vestia riscado e dançava, vestia valtomundo, vinha com a roupa do coco dançava terecô e hoje a umbanda ela está muito umbandomblé é uma mistura de Umbanda, Candomblé com Igreja católica, misturado tudo vai se chegar a uma Tenda.

As religiões de matriz africana são marcadas pelas mudanças, mesmo com essa nova movimentação os sujeitos negociam com seu próprio sistema gravitacional, tendo em vista não perderem sua identidade. Stuart Hall(S/N) versa para o uso do conceito tradução:

O conceito de tradução é utilizado para descrever formação de identidades que atravessam fronteiras naturais. Esses indivíduos retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem ilusão de um retorno

ao passado. Elas constantemente são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (p.88).

Nos primeiros anos do terreiro Francisco de Folha Seca passou a questionar as regras impostas no tocante a estrutura das vestimentas “Quando eu comecei aqui era só um pedaço de pano que o povo vestia, achava feio, pois os santos merecem coisa boa, aquilo não era bom e não gostava, foi por isso que mudei”.

Atualmente Francisco de Folha Seca é delegado da Federação de Umbanda da cidade, cargo expedido pela Federação Umbandista do Estado do Maranhão. Compõe o conselheiro municipal de Igualdade Racial, é representante do Fórum Estadual de Religiões de Matriz Africana do Maranhão (F.E.R.M.A.) e integrante do sindicato da agricultura familiar.

No festejo de São Raimundo em 2014, Francisco e Angela comemoraram vinte e sete anos de união, a história do caso iniciou na companhia de teatro Artbac em 1987. Desde então começaram a debater questões junto aos movimentos sociais. Dona Angela é conselheira municipal de cultura, tesoureira da Associação dos Umbandistas de Bacabal (AUB), está cadastrada no Coletivo de Entidades Negras – (CEN/MA).

Ao longo dos vinte e dois anos, o terreiro passou por três processos de mudanças estruturais; primeiramente era de barro e palha, depois passou por uma reforma, dando lugar para a alvenaria, por último em 2011, para a ampliação do terreiro, foi retirado a guna e no seu lugar foi estabelecido uma cruz de Caravaca. As bandeiras tradicionais cederam lugar para o forro em Pvc.

Os altares se diversificaram e ganharam inúmeras estátuas, hoje a casa de santo é composta pelos altares: de Oxalá, Omulu, Casa de Exu, Poço de Mão D’água, Xangô, Pretos Velhos, Iemanjá, e por fim, mais dois altares na parte interna do terreiro e mais outro no quarto de consulta. Nas paredes do terreiro cada Filha de Santo tem um pequeno altar, nesse local é posto os santos designados pelo chefe do terreiro, este local é devoção dos brincantes.

A decoração da festa de 2014 foi realizada pelos filhos de santo da casa, sendo que as cores da roupa nova predominaram no ambiente, o som mecânico foi um elemento que não faltou para alegrar a festa com doze caixas. Os preparativos do festejo iniciaram em maio, intensificando-se a visita a outros terreiros para ganhar convidados, a escolha das cores e modelo da roupa foi estabelecida no mesmo mês, mas a revelação veio antes através da guia Eurides Tamboussas.

A cada festejo de São Raimundo uma nova roupa com cores diferentes é confeccionada, em 2013 as cores escolhidas foram o rosa, verde e azul, sendo o chão da roupa

de cetim verde e os enfeites rosa com azul, na roupa também eram compostas por organzas, fitilhos e a rendas bordadas. A roupa foi confeccionada em obrigação a Oxóssi e Ibeji, crianças e caboclos. Segundo pai Francisco, o enfeite azul não teve nenhuma simbologia, foi colocada na roupa como complemento para embelezamento.

O dia destinado ao uso da roupa nova é a última noite, momento esse das princesas Tambossas. No terreiro quando se faz a roupa nova um dos primeiros Orixás a descer para as obrigações são elas as Princesas, depois é que a falange de Oxóssi é convocada. A atração da festa é a roupa, todos os convidados querem ver a casa que se veste melhor, muita curiosidade envolvida, esse evento acaba chamando muita atenção da rede entre os terreiros, os convidados querem participar do último dia da festa para ver a roupa nova.

É comum haver disputa entre os terreiros pra saber quem se veste melhor, mas fica na sutileza, é notório, mas não se é comentado, devido às questões éticas, nos bastidores de cada casa é o assunto do mês e dependendo dos gastos até do ano.

Na fala dos agentes frequentadores da casa é comum um saudosismo em relação ao passado, onde confeccionava as roupas com os tecidos volta ao mundo e o riscado; tecidos que custava por volta de 1,90 o metro. As diversas mudanças nas roupas são pontuadas como escolha dos indivíduos e não dos orixás, os diversos discursos revelam que quem não tem uma boa renda não é bem visto, então todos os grandes terreiros se concentram em organizar uma bela festa e uma luxuosa roupa.

Existe um discurso de que as roupas foram se aperfeiçoando na proporção que a vida financeira foi melhorando, há vinte anos era difícil ter dinheiro para uma boa alimentação, gastar mil reais com uma roupa era inimaginável. Pai Francisco de Folha Seca gastou mil reais com a vestimenta no último festejo. As filhas de santo gastaram quinhentos reais na última festa. Segundo as brincantes, uma roupa abaixo desse valor não é uma boa roupa, são 14 metros de pano no total, o tecido é comprado no Armazém Paraíba no município de Bacabal e quando não se tem a cor desejada à compra ocorre na cidade de Teresina-PI. Além da roupa existem gastos extras, como pano de cabeça de crochê valor 25,00 reais, sandália 15,00 reais e o pano que coloca na cintura que é 39,00 reais o metro. As falas pontuam que todos precisam fazer um esforço para no dia da festa tudo sair perfeito.

A primeira roupa da casa custava o que equivale hoje cinquenta reais. A primeira roupa do terreiro era branca, media até o joelho, tinha somente uma fileirinha de renda, só quatro metros compunham a indumentária, a cabeça era amarrada com tecido, o mesmo da roupa atada no estilo quebradeira de coco.

Mesmo em tempos difíceis as roupas eram adquiridas com a ajuda dos encantados, bem similar aos dias atuais, existe uma fala dos brincantes de que no começo parece que não vai dar certo, pois os tecidos são caros, mas no final sempre dá certo; tanto faz ser a farda ser simples ou luxuosa. No início do terreiro existia uma tradição de comprar uma roupa ao ano, hoje são duas, sendo uma no festejo da Angélica dia 01 e 02 de fevereiro e outra para o festejo de São Raimundo.

Mesmo com os novos modelos de roupas, ainda existem terreiros que se vestem de forma mais simples, para os brincantes da zona urbana o fator diacrítico é o poder econômico que passa a ser determinante na comparação. Para além do financeiro, o contexto do perfil da divindade que coordena a casa é definidor da roupa. As diversas comparações entre os chefes de terreiro passam pelo sentimento da sutileza, não se comenta de forma direta, mas existem conselhos informais que acabam influenciando em algumas mudanças, alguns terreiros antes classificados como de segunda categoria despontaram como um grande centro.

São Luís Gonzaga do Maranhão teve seu campo religioso no que concerne a Umbanda com traços modificados, a partir da inserção do Pai de Santo Luciano no terreiro de São Raimundo Nonato, as roupas, doutrinas e elementos do terreiro acabaram ganhando outros contornos, passando a ser o diferenciador da casa. Outro terreiro influenciado. No mesmo município mãe de Santo Cícera, teve a roupa foi inspirada nos conselhos do pai Francisco; o tamanho, largura e os enfeites foram modificados, atualmente a casa é um referencial também no município de São Luís Gonzaga do Maranhão.

Os agentes externos costumaram a conceber o Terecô como algo do folclore, local estático. Os terreiros são espaços dinâmicos e os adeptos da religião tentam quebrar com essa caracterização difundida no passado, mostrando a beleza de suas roupas, a riqueza de sua cultura e seu esforço para manter viva a tradição de seus ancestrais.

Muito comum ouvir em rodas de conversa de terreiro que toda casa deve entrar bonita na sala, brincante desarrumado não canta nas festas, essa lógica impulsiona os novos terreiros e os menores a melhorarem sua dinâmica organizacional.

A fala do Pai Francisco é importante para entendermos esse processo, tudo é uma troca simbólica, você trabalha de forma desinteressada em troca consegue um bem:

Tudo na vida é assim, se você acreditar e tiver fé no que você tem você cresce, agora se você faz por fazer ou só com interesse não dá certo, eu nunca coloquei uma vela no meu santo pra eu dizer, eu estou colocando essa vela pra vocês me darem não sei o que... Paciência. Coloco a vela lá, se eu tiver merecimento uma hora vai sair. Tudo é uma troca, eu ascendo à vela e eles me ajudam.

As roupas são elementos de embelezamento, gastam-se muitos recursos, mas como forma de gratidão, em muitos casos de forma desinteressada, o discurso de que eu quero ficar mais chique ou belo tem uma justificativa nas entrelinhas, essas falas trazem outras coisas como; “eles merecem, como forma de retribuição da ajuda durante um ano, faço a roupa, ficar elegante é um sinal de respeito e amor aos guias e a si próprio”.

6 Considerações Parciais

A dinâmica dos terreiros de Bacabal, traduz uma lógica da antropologia da arte, a roupa é um elemento de distinção, tem uma linguagem que é própria e traduz uma nuance de informações sobre os grupos religiosos. Os discursos do ser belo para resistir e existir nesses espaços apontam lógicas de disputas pelo poder religioso.

Percebe-se que é muito cedo para traçar uma análise definitiva, pois esse campo em todo momento revela novas nuances, esse artigo é apenas um momento inicial que tem possibilitado entender como o Terecô tem sido apresentado na cidade de Bacabal.

Temos alguns aspectos a serem melhor analisados; distinção a cidade de Codó-Ma, o apego a lógica de branqueamento oriunda do discurso do movimento religioso Umbandista, a apropriação de elementos difundidos no candomblé, bem como, as representações de beleza divulgadas pela mídias e o fluxos entre as casas de santo.

Pensar os sujeitos do Terecô do Terreiro de São Raimundo é refletir sobre a utilização da roupa como instrumento de poder, que também passa pelo sentido do simbólico.

7 Referências Bibliográficas

AHLERT, Martina. A285c Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão) / Martina Ahlert . 2013. 282 f . : il . ; 30 cm. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós - Graduação em Antropologia Social, 2013.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Umbandização, cadombleização: para onde vai o Terecô? In: *X Simpósio da ABHR /UNESP*, Assis, 2008. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/araujo-paulo.pdf>. Acesso em: 05/02/2015.

CERTEAU, Michel de. A Beleza do Morto. Michel de Certeau, 1925 – 1986. A cultura no plural; tradução Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP. Papyrus 1995. – (Coleção Travessia do Século).

FERRETTI, Sergio Figueiredo. FOLCLORE E CULTURA POPULAR. COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE AGOSTO DE 1998 BOLETIM ON-LINE Nº 11. Disponível em:. Acesso em: 26/04/05.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa/ Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

GELL, Alfred. Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte. Revista Poiésis, n 14, p245-261, Dez. de 2009.

GORDON, Cesar. O VALOR DA BELEZA: reflexões sobre uma economia estética entre os Xkirin (Mebengokre-Kayapo). Série Antropologia vol.424, Brasília: DAN/UnB, 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª edição DP&A editora.

IBGE: Acessado em 26/02/2015.

MUNDICARMO, Ferretti. FORMAS SINCRÉTICAS DAS RELIGIÕES AFRO AMERICANAS: O TERCÊ DE CODÓ (MA). *Cadernos de Pesquisa*. São Luv. 14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108

MAUSS, Marcel. 1872 – 1950. Sociologia e Antropologia, com uma introdução a obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP, 1981.

OLIVEIRA, Raimundo Sérgio. Histórias de Bacabal. Bacabal, Estado do Maranhão, 2013, Segunda Tiragem.

Revista Espírita de Umbanda. 12ed

SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Instituto de Psicologia/USP, 1993, p.285-298.

THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos/ E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E.P. A venda de esposas. In.: _____. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ⁱ Araújo no artigo “**UMBANDIZAÇÃO, CANDOMBLEIZAÇÃO**: para onde vai o terrecô?” o autor aponta a retirada do poste central como forma de caracterizar a influência que a Umbanda ocasionou ao Terrecô.